

RUBEM BRAGA

FÉRAS

Na verdade eu me levantei hoje aborrecido. Uma transacção ruínosa, com prejuizo superior a mil contos. Não fui eu quem fez o negocio, mas não deixo de ser prejudicado porque havia dinheiro meu no meio. O presidente do Instituto dos Commercialios fez esse negocio de titulos com os fundos do Instituto e porisso, como diz o telegramma do Rio, o Conselho Nacional do Trabalho lhe impoz a pena de "severa advertencia". Sou um antigo contribuinte, porque os jornalistas, nesse negocio de Instituto, são considerados commercialios. O que, de resto, só pôde nos honrar. Que outra coisa somos nós senão humildes caixeiros de noticias e de idéas? Vendemos phrases impressas como outros collegas nossos vendem gravatas ou sabonetes. E no fundo do coração tenho uma tendencia a acreditar que sabonetes e gravatas são mais uteis que phrases. Sempre olhei com susto e com desgosto essa historia de Institutos, tão ricos demais com o dinheiro de gente tão pobre. Enfim não ha de ser por causa de mil contos a menos ou mil contos a mais que eu vá perder o gosto de viver, tanto mais que um outro telegramma veiu com uma radiosa noticia.

Um automovel que ia de São Paulo para o Rio atropelou um bicho. Os passageiros saltaram para vêr o que era, pensando que fosse um gambá. Era uma onça. O chauffeur pôz a onça no carro e a levou para São Christovão.

O que ha a destacar em primeiro plano é que a onça é mais feliz que a gente. Quando um chauffeur atropela um homem elle pôde ter um impulso de humanidade e freia o carro para soccorrel-o. Mas logo se lembra de que ha uma lei estúpida que agrava o seu crime si elle é preso em flagrante — e muito naturalmente pisa o accelerator. Essa lei está redigida com tanta habilidade que induz o chauffeur a fugir, deixando a victima espichada no caminho. Mas nenhuma lei prohibe atropelar onças — nem mesmo o Código de Caça.

O mais importante do caso

talvez seja a contribuição que elle traz contra a campanha derrotista de certos jornaes brasileiros. De vez em quando vem ao Brasil um viajante illustre que encontra serpentes dormindo a sesta na rua do Ouvidor e crocodilos passeando em Ipanema. Um delles viu oragotangos tomando refresco no Lido. Ora, ha muitos jornalistas brasileiros que, tomados de uma irritação vulgar, atacam esses visitantes notaveis e desmentem cotegeticamente o que elles dizem. A tendencia desses jornalistas é para apresentar o Brasil como um paiz sem feras, um paiz domesticado e manso.

A onça da estrada Rio-São Paulo vem reafirmar nossas velhas tradições. Sim, aqui ha onças. Onças, cobras e lagartos, jacarés e carrapatos. Penso que o Itamaraty deveria mandar que todas as embaixadas e consulados divulgassem esse telegramma no estrangeiro, acrescentando que a onça atropelada residia em São Paulo, na Avenida São João e ia passar o inverno no Rio. Não procuremos desprestigiar as nossas feras. Ellas são creaturas de espirito sadio e nacionalismo a toda prova. Homens brasileiros retovados eu tenho visto, e muitos; uma onça jámais será retovada. Façamos propaganda de nossas feras e aprendamos com ellas um pouco de ferocidade. Sejamos ferozes, methodicamente e firmemente ferozes. Sabei, oh mundo, que este paiz está cheio de aranhas e surucúcús. Somos barbaros, selvagens, e de vez em quando antropophagos. Não somos mais aquella Nação de braços e pernas abertas que vós julgastes, oh aventureiros imperialistas.

Assim devemos dizer. E tenhamos sinceramente o orgulho de nossas onças. E quando saltar na praça Mauá um cavalleiro elegante com a minuta de um contracto como aquelle da Itabira Iron debaixo do braço, soltemos alegremente no armazem 1 uma boa equipe de jacarés, tamanduás, onças e sucuryrys subamos todos no edificio de "A Noite" para apreciar a recepção...